

DESIGUALDADES E DESPATOLOGIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Susane Vasconcelos Zanotti
Angélica Bastos
(Org.)

 **Edufal**

Susane Vasconcelos Zanotti
Angélica Bastos
(Org.)

DESIGUALDADES E DESPATOLOGIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA



Maceió/AL
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Diretor da Edufal

José Ivamilson Silva Barbalho

Conselho Editorial Edufal

José Ivamilson Silva Barbalho (Presidente)
Fernanda Lins de Lima (Secretária)
Amaro Hélio Leite da Silva
Anderson de Alencar Menezes
Bruno César Cavalcanti
Cícero Pércides de Oliveira Carvalho
Cristiane Cyrino Estevão
Flávio Augusto de Aguiar Moraes
Janayna da Silva Ávila
Juliana Roberta Theodoro de Lima
Marcos Paulo de Oliveira Sobral
Mário Jorge Jucá
Murilo Cavalcante Alves
Rachel Rocha de Almeida Barros
Victor Sarmento Souto
Walter Matias Lima

Núcleo de Conteúdo Editorial

Fernanda Lins de Lima
Larissa Leobino
Mariana Lessa de Santana
Sâmela Rouse de Brito Silva

Diagramação e Capa: Apeal

Créditos da imagem da capa: Freepik

Revisão de Língua Portuguesa e Normalização (ABNT): Carol Almeida Ribeiro

Catálogo na fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

Núcleo de Conteúdo Editorial

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva – CRB-4/2063

Z33d Zanotti, Suzane Vasconcelos.
Desigualdades e despatologização em tempos de pandemia / [organizado por] Suzane Vasconcelos Zanotti, Angélica Bastos. – . Maceió : Edufal, 2023.
221 p. : il.

E-book
ISBN 978-65-5624-235-4.

1. Desigualdades. 2. Despatologização. 3. Sofrimento psíquico. I. Bastos, Angélica, org. II. Título.

CDU: 159.964.2

Direitos desta edição reservados à
Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas
Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões
CIC - Centro de Interesse Comunitário
Cidade Universitária, Maceió/AL Cep.: 57072-970
Contatos: www.edufal.com.br | contato@edufal.com.br | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada:


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Saúde mental em Roda: uma contribuição ao debate sobre a saúde mental na universidade

Amadeu de Oliveira Weinmann

Introdução

Este trabalho tem origem em minha experiência como professor de psicopatologia no curso noturno de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No entanto, é especialmente após minha participação como tutor no Programa de Educação Tutorial (PET Psicologia UFRGS), entre dezembro de 2014 e junho de 2020, que o problema da saúde mental na universidade se colocou para mim em toda sua intensidade. Na medida em que os cortes de verbas afetavam as universidades federais, eram especialmente estudantes ingressantes pelas ações afirmativas, que dependem de suporte público para se manterem vinculados à universidade, que padeciam intenso sofrimento psíquico. Dessa experiência decorreu a criação, pelo PET Psicologia UFRGS, do projeto Saúde Mental em Roda.

Outro espaço importante de gestão deste texto é o GT da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia



Psicopatologia e Psicanálise (Anpepp), do qual participo desde junho de 2014. A partir de maio de 2019, esse grupo de trabalho tem focado, privilegiadamente, o tema da saúde mental de estudantes universitários/as. Ainda outro espaço relevante na criação deste escrito é o GT Saúde Mental do Instituto de Psicologia da UFRGS, do qual participo desde março de 2020.

É nessa experiência que se sustenta a construção deste ensaio acerca do projeto Saúde Mental em Roda. A fim de contextualizar esta reflexão, inicialmente apresento o projeto *World Mental Health International College Student (WMH-ICS) Initiative*, da Organização Mundial da Saúde (OMS), que coloca o problema da saúde mental na universidade como um desafio mundial. Ato contínuo, apresento algumas conclusões da *V pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES – 2018*, organizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Finalizando essa contextualização, exponho alguns movimentos vinculados a esse tema realizados na universidade onde trabalho.

Na exposição do Saúde Mental em Roda, privilegiei o relato de experiência, realçando a íntima conexão do projeto com a política de ações afirmativas. Além disso, procurei situá-lo na perspectiva de que “a função do PET é fazer laço”, conforme enunciado de uma bolsista do programa. Do ponto de vista teórico, procurei situar a roda de conversa – dispositivo horizontal – como uma intervenção fraterna sustentada no reconhecimento do traumático da experiência acadêmica, especialmente para aqueles/as estudantes oriundos/as de famílias que jamais haviam frequentado a universidade. Em seu horizonte, o projeto parece vislumbrar a



possibilidade de inscrição, no signifiante UFRGS, de segmentos populacionais historicamente excluídos de sua cobertura. Essa talvez seja a peculiar contribuição do Saúde Mental em Roda ao domínio de estudos sobre a saúde mental na universidade.

O alerta das instituições

O *World Mental Health International College Student (WMH-ICS) Initiative* consiste em uma ramificação do projeto *World Mental Health Survey Initiative*, promovido pela OMS em parceria com a *Harvard University* e a *University of Michigan*¹. O WMH-ICS parte da premissa de que o período de estudos universitários é especialmente crítico, uma vez que, aproximadamente, 75% dos casos de transtorno mental têm início em torno dos 24 anos e que esses casos de início precoce tenderiam a apresentar maior gravidade. Ademais, esse período frequentemente associar-se-ia ao abuso de álcool e de outras drogas. Em decorrência desses fatores (assim como das elevadas exigências acadêmicas), o suicídio seria a segunda causa de morte entre estudantes universitários. Evidentemente, transtornos mentais afetam o rendimento acadêmico e, ainda que existam tratamentos para eles, somente uma minoria dos/as estudantes afetados/as os procuraria. Portanto, temos um problema.

No Brasil, a Andifes se ocupa dessa questão na *V pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES - 2018*. A pesquisa abarcou mais de 400 mil estudantes de 63 universidades federais, o que representa mais de um terço do

¹ Disponível em: https://www.hcp.med.harvard.edu/wmh/affiliated_studies.php. Um balanço parcial desse projeto encontra-se no volume 28, número 2, 2019, do *International Journal of Methods in Psychiatric Research*.



total de matriculados/as no primeiro semestre de 2018. O estudo da Andifes demonstra que, especialmente após a expansão das Ifes, por meio do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), e da implementação da política de ações afirmativas, do Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnae) e do Sistema de Seleção Unificado (Sisu), a universidade federal brasileira retrata muito melhor a heterogeneidade (cultural, racial, socioeconômica, etc.) da nossa sociedade.

Tal modificação no perfil de estudantes das universidades federais brasileiras, na medida em que implica a inclusão de integrantes de segmentos populacionais historicamente excluídos do ensino superior (MOSSMANN *et al.*, 2017), envolve ir além de assegurar o ingresso de tais estudantes: também é preciso garantir sua permanência. E, para isso, a assistência estudantil é fundamental. Nessa perspectiva, a *V pesquisa* da Andifes (2019) aborda o problema da saúde mental:

Sabe-se que a rotina de estudos na universidade contribui para amplificar os problemas relativos à saúde mental, exigindo dos estudantes posturas flexíveis e resilientes no ambiente acadêmico. Várias investigações têm mostrado que a ocorrência de sintomas que remetem ao sofrimento psíquico é alta entre os (as) universitários (as) (p.204).

Alguns dados a respeito são impactantes: 23,7% do público pesquisado atribui suas dificuldades acadêmicas a esse fator, e 83,5% diz conhecer alguma dificuldade emocional. Ansiedade afeta a 63,6% dos/as entrevistados/as, ideia de morte a 10,8% e



pensamento suicida a 8,5%. Sobre a procura de tratamento, lê-se no documento: “entre os (as) estudantes que reportaram dificuldades emocionais, 11,1% encontram-se em tratamento psicológico; 63,7% nunca procuraram atendimento psicológico; 7,5% tomam medicação psiquiátrica”.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul está em sintonia com essa preocupação mundial. Em 08/08/2018, o site da UFRGS noticiou a constituição do GT de Saúde Mental Discente, com o objetivo de “construir iniciativas de prevenção à doença mental e de atendimento ou encaminhamento dos casos de risco”². Dentre outras ações previstas, constava a capacitação, por meio da EDUFRGS (Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS), de técnico-administrativos e docentes, além da definição de fluxos de encaminhamento de situações de crise psíquica. Em 07/05/2019, o site da UFRGS informou que o GT de Saúde Mental Discente havia apresentado um relatório das ações realizadas, organizadas de acordo com os seguintes eixos temáticos: fluxo/rede, promoção da saúde e psicoeducação e práticas pedagógicas³. Dentre as ações realizadas, destacam-se: 1) 5 eventos de capacitação de servidores (técnicos e docentes), em parceria com a EDUFRGS; 2) proposição de um fluxo de atendimento de estudantes nos serviços municipais de saúde; 3) estabelecimento do Dia de Saúde Mental Discente, com palestras ou rodas de conversa em distintas unidades da UFRGS; 4) assessoria em campanhas institucionais de conscientização acerca do problema da saúde mental; 5) participação na criação do site

2 Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/constituído-grupo-de-trabalho-de-saude-mental-do-discente>.

3 Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/gt-de-saude-mental-discente-apresenta-relatorio-de-aco-es-1>.



Saúde Mental, uma iniciativa do Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (Cipas)⁴. Além disso, o relatório do GT de Saúde Mental Discente da UFRGS indicava ser necessário a administração central criar um setor responsável pela coleta e análise de dados referentes à saúde mental discente, com o intuito de promover ações consistentes⁵.

No Instituto de Psicologia da UFRGS, o GT Saúde Mental “[...] tem como objetivo articular e propor ações com relação à saúde mental na universidade”⁶. Ele consiste em uma rede de projetos voltados para o problema da saúde mental dos/as estudantes: Movimento Educação e Saúde Mental (Medusa), site Saúde Mental na Universidade, Clínica Feminista na Perspectiva da Interseccionalidade, Saúde Mental em Roda (PET Psicologia UFRGS), Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) e os órgãos auxiliares Clínica de Atendimento Psicológico (CAP) e Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (Cipas). O grupo tem acolhido demandas oriundas não apenas do Instituto de Psicologia, mas também de outras unidades da UFRGS. Ele consiste em um espaço de reflexão e de proposição de intervenções, no que concerne ao problema da saúde mental na universidade. Um testemunho disso é a cartilha digital *Cuidados em saúde mental e prevenção ao suicídio na universidade*, publicada pelo Medusa com o apoio do GT Saúde Mental⁷.

4 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/saudemental/>.

5 Sobre a situação de outras universidades gaúchas, no que concerne ao problema da saúde mental discente, recomendo a leitura de matéria intitulada “Um fantasma ronda a sala de aula”, publicada no jornal *Zero Hora*, na edição de 17/18 de agosto de 2018.

6 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/institutodepsicologia/gtsaudemental/>

7 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/institutodepsicologia/wp-content/uploads/2022/09/Cartilha-Prevencao-ao-Suicidio.pdf>.



Saúde Mental em Roda

O Programa de Educação Tutorial foi criado por meio da portaria 19/2004 do MEC. Ele substituiu o Programa Especial de Treinamento, nascido em 1979. Se o programa anterior, vinculado à Capes, tinha como objetivo maior a preparação para a pós-graduação, o novo surge articulado a outro horizonte. Na portaria 976/2010 do MEC, consta como objetivo primeiro do programa: “desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar” (BRASIL, 2010, p.40). Um dos fundamentos do programa – a horizontalidade – está lançado⁸. Na portaria 343/2013, que atualiza a anterior, um novo objetivo é acrescentado: “contribuir com a política de diversidade na Instituição de Ensino Superior (IES), por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero” (BRASIL, 2013, p.24). Gradualmente, o programa se torna uma importante ferramenta de consolidação das ações afirmativas na universidade pública brasileira⁹.

O PET Psicologia UFRGS inicia suas atividades em 1988; portanto, ainda vinculado à Capes. Sua história é narrada em dois livros, ambos disponíveis on-line: *Psicologia e educação tutorial*, organizado por Tittoni *et al.* (2014), e *Vivências plurais: 30 anos do PET Psicologia UFRGS*, organizado por Moraes *et al.* (2019). Em um dos primeiros encontros do grupo após o meu ingresso como tutor, discutíamos a função do PET, quando uma bolsista – Liana Netto Dolci – enunciou: “a função do PET é fazer laço”. Imediatamente,

8 Sobre o conceito de horizontalidade no PET, recomendo a leitura de Cardoso *et al.* (2019).

9 Sobre as ações afirmativas no PET, recomendo a leitura de Santos *et al.* (2019).



essa frase nos pareceu fazer sentido, mesmo que ainda não fôssemos capazes de compreender todas as suas implicações.

Na medida em que nos integrávamos com outros grupos PET da UFRGS, começamos a receber demandas no sentido de trabalhar questões de saúde mental em outros cursos de graduação. O grupo se assustou. Especialmente, não agradava aos/às bolsistas a suposição de que eles/as detinham um saber sobre essas questões. Não se sentiam em condições de atender a essas demandas, mas, em contrapartida – especialmente após eu assegurar que ofereceria suporte –, dispunham-se a ajudar a enfrentar esses problemas, desde que de uma posição horizontal. Foi nesse momento que surgiu o projeto Saúde Mental em Roda.

O projeto aparece no planejamento anual do grupo (portanto, passa a ter existência formal) em 2018. Cito, textualmente:

Este projeto se dará através de rodas de conversas com diferentes temáticas que abordem questões referentes à saúde mental no ambiente universitário. A proposta é que as rodas sejam promovidas em diferentes espaços acadêmicos e tenha como público alvo desde os discentes até os servidores. Além disso, com esse projeto temos a proposta de buscar parcerias com outros grupos e serviços da Universidade, como a PRAE [Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis], Diretórios Acadêmicos (DAS), COMGRADs [Comissões de Graduação] e o Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE), além de Clínicas Escolas ou Clínicas que ofereçam atendimento psicoterápico com preços acessíveis para pessoas de baixa renda. Assim,



essa atividade tem por objetivo promover espaços de diálogo e escuta para refletir acerca das questões que podem afetar nossa saúde mental, dentro ou fora do ambiente universitário (PET Psicologia UFRGS, 2018).

O projeto reaparece no planejamento de 2019 e, no ano seguinte, retorna com duas novidades: 1) a parceria com o GT de Saúde Mental Discente da UFRGS, até esse momento informal, é explicitada; 2) compreende-se que o Saúde Mental em Roda transversaliza todos os demais projetos do grupo. A premissa de que a função do PET é fazer laço ganha corpo.

A fim de melhor contextualizar o nascimento do Saúde Mental em Roda, compartilho nossa (do grupo, à época) leitura do processo de implantação das ações afirmativas na UFRGS, especialmente com base em nossa experiência no Instituto de Psicologia. Inicialmente, é como se os/as estudantes ingressantes pelas ações afirmativas não se sentissem representados/as pelo significante UFRGS. Pudera, muitos/as deles/as eram oriundos/as de famílias que jamais haviam frequentado uma universidade! Sentiam que aquele não era o seu lugar; eram estranhos em um ninho bastante elitizado. Pior: compreendiam esse “não lugar” como um problema individual. Não raro, um estado de intenso sofrimento psíquico levava a trancar a matrícula ou a abandonar o curso. Em algum momento, houve um giro nesse processo. O que era entendido como problema individual torna-se questão coletiva. Inicia-se – não sem um intenso trabalho psíquico – o tensionamento no sentido de que o significante UFRGS também represente segmentos populacionais historicamente excluídos de sua cobertura.



Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda descreve a origem profundamente elitista da universidade pública brasileira, sua vocação para uma retórica estéril – a “praga do bacharelismo” – e sua proverbial tendência a erigir-se como uma torre de marfim, isto é, a dissociar-se da sociedade. Nessa perspectiva, a lei 12.711/2012, que institui as ações afirmativas na universidade pública brasileira, subverte essa tradição. No entanto, após um período de expansão do investimento inverte-se a tendência. De 2015 em diante, os cortes de verbas destinadas às universidades públicas não param de crescer. No atual governo, isso assume a forma de um deliberado projeto de morte por asfixia. E isso afeta, especialmente, aos/às ingressantes por ações afirmativas, que frequentemente necessitam de suporte da assistência estudantil – um dos setores mais afetados pelos cortes de verbas, o “primo pobre” da cadeia meritocrática, o elo frágil da rede pública de ensino superior. Convidados/as a compor a *intelligentsia* nacional, estudantes oriundos/as de escolas públicas – negros/as, indígenas, periféricos/as, etc. – compreendem o engodo de que foram vítimas. Ao longo desse percurso, ainda houve uma pandemia. Creio não ser demasiado situar esse processo no terreno do traumático.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) produz uma teoria do trauma suscitada pela experiência europeia da I Guerra Mundial e da gripe espanhola. Tempos de guerra e morte, como o nosso. Nessa teoria, o trauma decorre de uma invasão de estímulos no aparelho psíquico, invasão essa em uma (des)medida que o sujeito não consegue tramitar. Rompem-se as ligações psíquicas. Todo o aparelho concentra-se no esforço de suturar o rombo produzido, de estancar a hemorragia libidinal. Nesse processo,



vem à tona uma tendência outrora desconhecida. Uma compulsão à repetição não dominada pelo princípio do prazer aflora; o mais pulsional do pulsional – a tendência a restaurar um estado anterior de desligamento psíquico – parece impor-se.

Em *Por que a guerra,?* Freud (1933), com um olho no passado e outro no futuro, responde a Einstein que o conflito bélico é inevitável. Uma tendência à desintegração (traumática) do laço social – e, portanto, de retorno à barbárie – sempre opera. Apesar disso, o fundador da psicanálise sustenta que sempre é possível relançar a conjugação de diferentes, mediada por uma palavra tão livre quanto possível e, assim, enriquecer o corpo social com generosas doses de diversidade. Se a tendência à desintegração (moebianamente psíquica e social) envolve o retorno a um estado anterior – no nosso caso, o restabelecimento de uma universidade para poucos –, a premissa de que a função do PET é fazer laço faz cada vez mais sentido.

Em *Ferenczi como pensador político*, Jô Gondar define o analista húngaro como um pensador da catástrofe. Nesse sentido, seu conceito de trauma compreende não apenas a violência disruptiva de uma vivência, mas, especialmente, o modo como este evento é significado por quem dele tem notícia. Nas palavras de Ferenczi (apud Gondar, 2012, p. 196): “o pior é realmente o desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento [...] é isso, sobretudo, que torna o traumatismo patogênico”. Portanto, traumático seria o não reconhecimento, pelo outro, de uma violência sofrida por um sujeito situado em uma posição vulnerável. Nessa perspectiva, os laços fraternos são cruciais. É entre pares que um sujeito procura o reconhecimento de



uma violência sofrida, a fim de suturar a ferida produzida por uma catástrofe – nos termos de Benjamin (1994), transformar vivência (traumática) em experiência (saber-fazer com o trauma). Não seria este o sentido do dispositivo da horizontalidade, em torno do qual se constitui o projeto Saúde Mental em Roda? A fim de pensar tal dispositivo, à luz da psicanálise, retomo o conceito função fraterna, proposto por Maria Rita Kehl.

Em *Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo*, Kehl (1999) propõe uma reflexão acerca da função fraterna, a partir da insistência do significante “mano” no discurso de grupos de *rap*, como o Racionais MC’s. De acordo com a autora, tal significante tende a recobrir, constituindo em fratria, o campo dos excluídos da sociedade brasileira; nas palavras de Caetano e Gil (1993), “pretos, pobres e mulatos, e quase brancos, quase pretos de tão pobres”. Nessa perspectiva, “mano” indica a potência das identificações horizontais como forma de resistência às identidades verticalmente impostas ao povo da periferia. Como significante, “mano” enlaça segmentos populacionais heterogêneos, em torno de uma discursividade crítica ao sistema social que exclui tais segmentos. Paradoxalmente, “mano” é um significante paterno; um dos nomes-do-pai, na cultura brasileira.

A partir de *Moisés e o monoteísmo*, de Freud, talvez seja possível sustentar que um trauma sempre envolve a morte do pai – aqui, entendido como um organizador simbólico qualquer. No caso do Saúde Mental em Roda, não é difícil descrever esse processo. Não raro, escutamos alusões a um “não lugar”, a partir do ingresso na universidade pública: “Na periferia, sou visto como acadêmico; na universidade, como periférico”. Por meio do



dispositivo da horizontalidade, encarnado na roda de conversa, trata-se de construir um lugar simbólico, no qual seja possível existir como acadêmico periférico – e, desse modo, suturar um rombo na esfera da representação. Entre pares, trata-se de se apoderar do significante UFRGS e de submetê-lo a outros efeitos de sentido, fazendo valer seu estatuto de significante (com o aval da própria UFRGS, representada pelo PET Psicologia). Se a fratria é crucial é porque, como nota Maria Rita Kehl, sua função é matar um pai tirânico, a fim de que um simbólico possa advir. É assim que compreendo a eficácia simbólica do dispositivo da horizontalidade, no projeto Saúde Mental em Roda.

Considerações finais

Este texto pode ser considerado um pós-escrito ao livro *Vivências plurais: 30 anos do PET Psicologia UFRGS*. Apesar de reconhecer o Saúde Mental em Roda como um projeto que transversalizava todos os demais, o grupo não se dedicou a escrever sobre ele. Talvez por cautela. Sábia prudência, que fez com que os/as bolsistas do PET Psicologia UFRGS compreendessem que a única maneira de abordar o problema da saúde mental entre colegas era em uma posição fraterna – ou, nos termos do PET, horizontal. Intuitivamente, o grupo parece ter entendido – por compartilhar a experiência – que o ingresso na universidade pública por meio das ações afirmativas pode ser um evento traumático, especialmente quando não se reconhece o que pode haver de disruptivo no choque com uma universidade bastante elitizada. No horizonte de sua prática, o projeto parece ter incorporado a noção de que um



modo de enfrentar a tendência à desagregação – ao mesmo tempo, psíquica e social – é, por meio de uma palavra que circula entre semelhantes, conjugar diferenças. A função do Saúde Mental em Roda é fazer laço. Esta é sua singular contribuição ao problema da saúde mental na universidade.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. **V pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES – 2018**. Brasília: Andifes, Fonaprace, Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

BRASIL. **Portaria MEC 976/2010**. Brasília, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14912-portaria-n-976&category_slug=dezembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25/05/2022.

BRASIL. **Lei 12.711/2012**. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 25/05/2022.

BRASIL. **Portaria MEC 343/2013**. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13005-portaria-343-24-abril-2013-pdf&category_slug=abril-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25/05/2022.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119.

CARDOSO, J. *et al.* Histórias de protagonismo e horizontalidade no PET. *In*: MORAES, V. *et al.* (Org.). **Vivências plurais: 30 anos do PET Psicologia UFRGS**. Porto Alegre: Forma Diagramação, 2019. p. 37-50

FREUD, S. Más allá del principio de placer (1920). *In*: FREUD, S. **Sigmund Freud: obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1984a, p. 1-62

FREUD, S. Moisés y la religión monoteísta (1939). In: FREUD, S. **Sigmund Freud**: obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1984, p. 1-132.

FREUD, S. ¿Por qué la guerra? (1933). In: FREUD, S. **Sigmund Freud**: obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1984. p. 179-198.

GIL, G.; VELOSO, C. Haiti. In: **Tropicália 2**. 1993.

GONDAR, J. Ferenczi como pensador político. **Cadernos de Psicanálise**, v. 34, n. 27, p. 193-210, 2012.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

INTERNATIONAL JOURNAL OF METHODS IN PSYCHIATRIC RESEARCH, v. 28, n. 2, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/toc/15570657/2019/28/2>. Acesso em: 25/05/2022.

KEHL, M. R. Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 3, p. 95-106, 1999.

MORAES, V. *et al.* (Org.). **Vivências plurais**: 30 anos do PET Psicologia UFRGS. Porto Alegre: Forma Diagramação, 2019.

MOSSMANN, A. *et al.* Encruzilhadas do ensino: reflexões sobre as ações afirmativas de acesso à universidade pública brasileira. **Interagir: Pensando a Extensão**, v. 23, p. 156-167, 2017.

PET Psicologia UFRGS. **Planejamento anual de atividades** – 2018. Porto Alegre, 2018.

SANTOS, K.; CARDOSO, J.; SUDRE, P. Ações afirmativas no PET: uma luta política. In: MORAES, V. *et al.* (Org.). **Vivências plurais**: 30 anos do PET Psicologia UFRGS. Porto Alegre: Forma Diagramação, 2019. p. 83-96.

TITTONI, J. *et al.* **Psicologia e educação tutorial**. Porto Alegre: Forma Diagramação, 2014.

